

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

GAMBIARRA PRA SE FAZER BARULHO: AS TECNOLOGIAS MUSICAIS NEGRAS DE PERIFERIA COMO RESISTÊNCIA POLÍTICA

Steffane Santos, Pedro Augusto Soares de Menezes

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13280>

Submetido em: 2025-09-09

Postado em: 2025-09-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

GAMBIARRA PRA SE FAZER BARULHO: AS TECNOLOGIAS MUSICAIS NEGRAS DE PERIFERIA COMO RESISTÊNCIA POLÍTICA

STEFFANE PEREIRA SANTOS,
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6457-7517>
<steffanespereira@gmail.com>
UFMG. Belo Horizonte, MG, Brasil

PEDRO AUGUSTO SOARES DE MENEZES,
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4110-5528>
<augustus-pedro@hotmail.com>
UFMG. Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO: O trabalho em tela objetiva discutir como as tecnologias musicais em contextos negros e periféricos são perpetradas enquanto produtoras de resistência e conhecimento. Essa dinâmica se consolida a partir da apropriação de instrumentos musicais, aparelhos sonoros, e equipamentos distintos que podem vir a se tornar veículos de produção musical. Essa materialidade possibilita a experimentação e reinvenção de outros horizontes musicais criando novas estéticas, sendo possível então, compreender essas invenções a partir do entendimento das gambiarras enquanto categoria crítica (Tragtenberg et al., 2021). A partir disso, analisaremos exemplos de como o fazer da música na periferia de Belo Horizonte nos gêneros e culturas musicais do funk e do hip-hop, subvertem a lógica do acesso restrito causado pelas desigualdades sociais, ordenando a lógica das ausências aos meios produtores e facilitadores do fazer musical, criando novas formas de fazer música e ampliando as compreensões sobre o fazer artísticos. Assim, buscamos dispor da produção musical como modo de resistência a partir da apropriação tecnológica que esses gêneros em específico vem efetuando ao menos desde a última década na capital mineira.

Palavras-chave: Hip-hop; Funk; Produção do conhecimento; Periferias.

MAKESHIFT NOISE-MAKING: BLACK PERIPHERAL MUSICAL TECHNOLOGIES AS POLITICAL RESISTANCE

ABSTRACT: This paper aims to discuss how musical technologies in Black and peripheral contexts operate as producers of resistance and knowledge. This dynamic is consolidated through the appropriation of musical instruments, sound devices, and various equipment that can become vehicles for music production. Such materiality enables experimentation and the reinvention of other musical horizons, creating new aesthetics that can be understood through the notion of gambiarras as a critical category (Tragtenberg et al., 2021). Based on this, we analyze examples of how music-making in the peripheries of Belo Horizonte, within the musical genres and cultures of funk and hip-hop, subverts the logic of restricted access caused by social inequalities. By reordering the logic of absences into means of production and facilitation of music-making, these practices create new ways of producing music and expand understandings of artistic creation. Thus, we aim to approach musical production as a mode of resistance through the technological appropriation that these genres, in particular, have been enacting for at least the past decade in the capital of Minas Gerais.

Keywords: Hip-hop; Funk; Knowledge production; Peripheries.

INTRODUÇÃO

A arte é antes de tudo uma ferramenta revolucionária ligada às lutas populares (Davis, 2017). Este trabalho tem como objetivo discutir como as tecnologias musicais em contextos negros e periféricos se afirmam enquanto produtoras de resistência e conhecimento. Essa dinâmica se consolida a partir da apropriação de instrumentos musicais, aparelhos sonoros e equipamentos diversos que, ressignificados, tornam-se veículos de produção musical. Tal materialidade possibilita a experimentação e a reinvenção de novos horizontes sonoros, criando estéticas singulares que podem ser compreendidas a partir da noção de gambiarras enquanto categoria crítica (Tragtenberg et al., 2021). Nesse sentido, analisaremos como o fazer musical nas periferias de Belo Horizonte, Minas Gerais, especialmente nos gêneros do funk e do hip-hop, subverte a lógica do acesso restrito imposto pelas desigualdades sociais. Ao ordenar a lógica das ausências e transformá-las em meios de criação, essas práticas instauram novas formas de produzir música e ampliam a compreensão do fazer artístico. Assim, buscamos evidenciar a produção musical como forma de resistência, marcada pela apropriação tecnológica que esses gêneros vêm mobilizando, pelo menos desde a última década, na capital mineira.

O estudo se debruça sobre o fazer da MTG (montagem) em Belo Horizonte, prática característica das periferias belo-horizontinas. A partir do uso de softwares, as rimas e versos são articulados com instrumentos digitais, explorando recursos como “pontinhos”, bases e graves em BPMs específicos, criando beats por meio de samples, colagens e outros dispositivos. Essas ferramentas gestam práticas artísticas, musicais, temporais e epistêmicas. No caso do hip-hop, observamos a materialidade tecnológica exigida pelo ofício do DJ, que, ao adaptar sistemas reprodutores de som em instrumentos musicais, instaura uma nova lógica estética e política que, inicialmente surgida nas periferias dos EUA, foi incorporada às periferias brasileiras. Para a análise, será adotada uma abordagem etnográfica, mobilizando tanto o trabalho de campo junto a interlocutores quanto a própria experiência das autorias no fazer artístico e na vivência da cultura do funk e do hip-hop.

GAMBIARRAS PARA SE FAZER BARULHO

De forma a situar a pessoa leitora acerca das categorias que circundam o trabalho em tela, objetiva-se fazer conceituações sobre onde partimos acerca dos conceitos de gambiarras e barulho. Tragtenberg et al. (2021) apresentam a gambiarra enquanto categoria crítica que suscita possibilidades criativas a partir da importância e inclusão da comunidade NIME (New Interfaces for Musical Expression). É ao conceito de gambiarra que nos debruçamos no presente, enquanto uma solução técnica improvisada em contextos de recursos limitados, sendo uma categoria engenhosa e marcando o desenvolvimento de tecnologias estando intrínseco ao contexto brasileiro. Estando atrelado ainda a transformação de instrumentos como toca-discos. As brechas da escassez são criadoras de mundos e possibilidades conforme discussão apresentada.

No que tange ao barulho, Rose (2021) dispõe acerca da relação da cultura hip-hop com a ideia do barulho de preto. O hip-hop:

replica e reimagina as experiências da vida urbana e se apropria simbolicamente do espaço urbano por meio de samples, atitude, dança, estilo e efeitos sonoros. Narrativas sobre metrô, crews e posses, barulhos urbanos, estagnação econômica, sinais estáticos e cruzados surgem das letras, sons e temas do hip-hop. Artistas de grafite pintam murais e tags nos trens, caminhões e playgrounds para reivindicar territórios e, em contrapartida, inscrever suas identidades contidas em espaços públicos (Rose, 2021, p. 41)

A conjunção destas características elementares à cultura hip-hop condensam o barulho, explorado por Santos (2024), de forma localizada a partir da capital mineira enquanto em conjunto - a partir dos barulhos da cidade, dos sons, rimas, bem como do barulho visual a partir dos grafites e do movimento:

Todos os elementos da cidade em movimento a partir do hip-hop formam barulho sonoros, visuais e experienciais. E em todo este barulho está em roda, eu vejo que o hip-hop é girando na constituição da epistemologia do barulho que se prolifera por corpos mulheres e negros, que com suas epistemes reinventam formas de traduzir e narrar o mundo, a partir de raça e gênero. Sob a epistemologia interseccional do barulho. 55 O som é girando, é rodando. E no gerúndio, por estar em movimento no agora. A circularidade que guia os conhecimentos. Na complementação e continuidade, permeia o impulso do que não se finda. Há um começo e depois um começo, inspirado na ideia do mestre quilombola Nego Bispo dos Santos (2019) que temos um começo, meio e começo. O fim não é a linha de chegada, pois o fim não existe. Os conhecimentos amefricanos (Gonzalez, 1988) da diáspora sob seu tratado contra-hegemônico, não prezam pela premissa da disputa de pódios, mas pela organicidade da existência que está e é girando (Santos, 2024, p. 66).

O barulho por sua vez, está associado ainda ao uso de samples, trechos e reinvenções sonoras, que se difundem a partir do hip-hop conforme trazido por Santos (2024) como também a partir do funk, enquanto ritmo eletrônico negro e periférico.

Assim, as categorias aqui empreendidas estão associadas diretamente a corporeidade negra e periférica que se utiliza das dinâmicas e trânsitos do atlântico negro (Gilroy, 2012) enquanto resistência e produção epistêmica.

AS TECNOLOGIAS MUSICAIS NEGRAS DE PERIFERIA

A cultura hip-hop e o funk emergem em momentos concomitantes em Belo Horizonte no fim dos anos 1980 (Amorim, 2013). Nos últimos anos, o cenário cultural de Belo Horizonte se destacou nacionalmente a partir da cena do funk e a mobilização do MTG¹. MTG por sua vez, significa montagem, sendo uma gambiarra (Tragtenberg, João; Albuquerque, Gabriel; Calegario, Filipe., 2021)

¹ O GLOBO. *O que é MTG? Gênero criado na cena funkeira de Belo Horizonte explode nas redes e ocupa topo das paradas; ouça*. Rio de Janeiro, 11 jun. 2024. Atualizado há 1 ano. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/06/11/o-que-e-mtg-genero-criado-na-cena-funkeira-de-belo-horizonte-explode-nas-redes-e-ocupa-topo-das-paradas-ouca.ghtml>. Acesso em: 4 set. 2025.

que cria novas sonoridades e musicalidades a partir de trechos, vocais e batidas de outras músicas e a partir do ato criativo de experimentações com efeitos sonoros como pontinhos, bases e graves. As MTG se utilizam de musicalidades de outros gêneros como pop internacional; sertanejo e MPB, como Seu Jorge, Ana Carolina, Mart'nália e outros. A presença das montagens na capital mineira, porém, não é recente, sendo base fundamental da produção funkeira mineira. As MTG dispõem ainda de samples enquanto potência de criação (Abreu, 2021) e é integrada ao cenário do funk nacional a partir do trabalho de artistas como WS da Igrejinha, MC Rick, dj sv, Doug Hits, Gordão do PC, DJ Luan Gomes e outros.

De forma similar a partir do hip-hop e das invenções sonoras perpetradas a partir de gambiarras de aparelhos de sons e outras tecnologias emergindo do improviso, marcam a cultura hip-hop desde o seu início na capital mineira. Utilizando-se de ferramentas improvisadas, gravações, aparelhos de sons variados que por vezes substituem CDJ's (Compact Disc Jockey). E sobretudo, em dinâmica compartilhada e coletiva entre jovens negros e periféricos.

E é sob este contexto de musicalidade que os autores deste texto emergem - Steffane a partir de suas vivências periféricas na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e Pedro com suas experiências também periféricas da Zona Norte da capital mineira, mais especialmente na regional Venda Nova, no Leblon Vermelho. Assim, nossas vivências e apreensões são marcadores que nos intersectam e nos marcam enquanto corpos racializados que emergem do lugar comum, da periferia enquanto periferia - em qualquer lugar (Racionais MC's, 1997).

Estas gambiarras reunidos para formação de sonoridades engendram barulho - barulho este que se opõem as formas de silenciamento e cria tensões acerca do que seria uma música com M maiúsculo a partir de dinâmicas contra coloniais da invenção da musicalidade da diaspórica.

No contexto político contemporâneo, Projetos de Lei como PL 89/2025 (Flávia Borja - Progressistas)²; PL 25/2025 (Vile Santos - PL)³ e projetos como PL 138/2025 e 155/2025 que querem proibir tecnologias de som em espaços públicos ameaçam a cultura negra periférica em movimento em Belo Horizonte e Minas Gerais, mas também a nível nacional, como é o caso do PL que ficou conhecido como Lei Anti Oruam, projeto de lei de janeiro de 2025, proposto pela vereadora Amanda Vettorazzo do partido União, na câmara municipal de São Paulo que: "Proíbe a contratação de shows, artistas e eventos abertos ao público infantojuvenil que envolvam, no decorrer da apresentação, expressão de apologia ao crime organizado ou ao uso de drogas e dá outras providências." Desta forma a cultura periférica belo-horizontina tem resistido a partir de sua continuidade bem como a partir de movimentos sociais organizados como a Frente Nacional de Mulheres no Funk.

Em 12 de julho de 2025, ocorreu a manifestação BH VAI VIRAR BAILE na Praça da Estação, região central da capital mineira, onde agentes políticos, artistas e público em geral se reuniu para tensionar os projetos que tramitam na Câmara dos Vereadores da Prefeitura de Belo Horizonte

² Disponível em:

<<https://www.cmbh.mg.gov.br/atividade-legislativa/pesquisar-proposicoes/projeto-de-lei/89/2025>>.

Acesso em 02 de setembro de 2025.

³ Disponível em:

<<https://www.cmbh.mg.gov.br/atividade-legislativa/pesquisar-proposicoes/projeto-de-lei/25/2025>>.

Acesso em 02 de setembro de 2025.

(PBH). Entre eles, a Vereadora Juhlia Santos (PSOL), a Vereadora Iza Lourença (PSOL) e artistas como Gordão do PC, MAC Júlia e representantes da Frente Nacional de Mulheres no Funk.

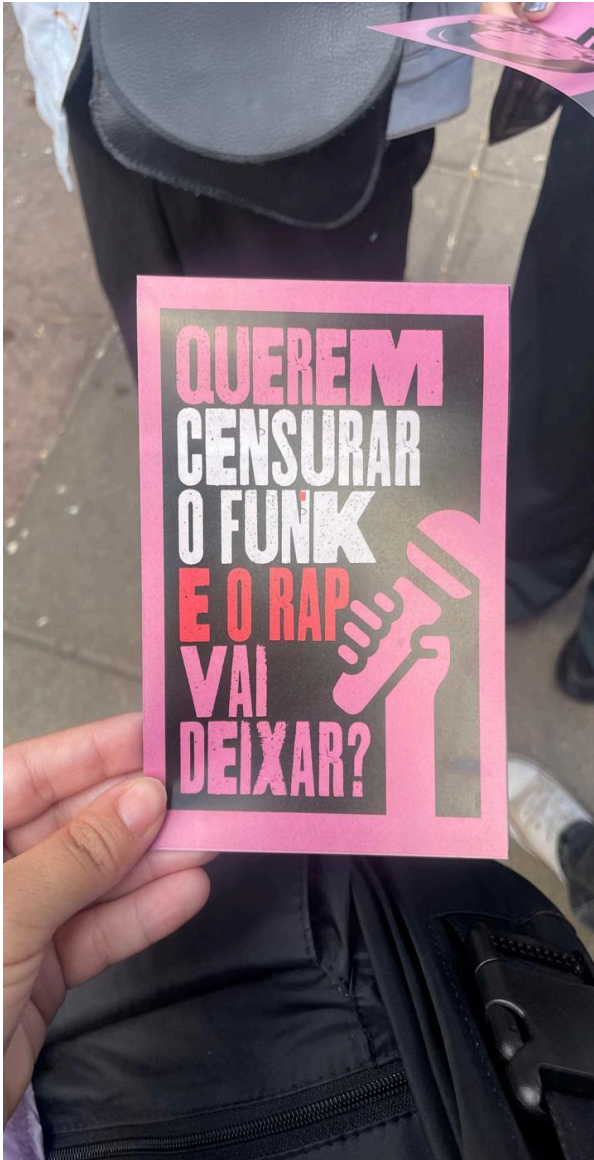


Figura 1 e 2. Ato BH VAI VIRAR BAILE, Praça da Estação, Belo Horizonte, 2025.
Autoria: Steffane Santos



Figura 3. Ato BH VAI VIRAR BAILE, Praça da Estação, Belo Horizonte, 2025.
Autoria: Steffane Santos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas e agir (Hartman, 2021) seguem inerentes a cultura negra diaspórica. O agir a partir da criação de cultura e sobretudo das gambiarras que engendram barulho são partes fundamentais da experiência negra em diáspora. A resistência perpetrada a partir do seu próprio corpo e modo de vida reorganiza a produção epistêmica e cria mecanismo para enfrentamento ao conservadorismo e forças motoras político-institucionais. A produção de conhecimento é algo intrínseco à experiência vivida e se difunde a partir da resistência (Collins, 2019). E que engendra formas elementares de espiralar o tempo (Martins, 2021) e traçar afrofuturimos (Carvalho, 2023).

REFERÊNCIAS

Amorim, Larissa. **Nas periferias do gênero: transitando entre hip hop, funk e feminismos.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

Carvalho, Laila Souza de. **Afrofuturismo na encruzilhada: usos e sentidos de tecnologias ancestrais diaspóricas.** Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2023.

Collins, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** São Paulo: Boitempo, 2019.

Davis, Angela. A arte na linha de frente: mandato para uma cultura do povo. In. **Mulheres, cultura e política.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

Donato, Cássia. **Hip Hop e feminismo negro nos processos de participação de jovens negras**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2012.

Gilroy, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência**. São Paulo, Rio de Janeiro, 34 Universidade Cândido Mendes. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

Hartman, Saidiya. Vênus em dois atos. In. **Pensamento negro radical: Antologia de ensaios**. São Paulo, N-1 Edições, 2021.

Rose, Tricia. **Barulho de preto: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos**. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2021.

Santos, Steffane. **Epistemologia interseccional do barulho: conhecimento e autodefinição por corpos negros e genderizados a partir do hip-hop em Belo Horizonte – MG**. 2024. Dissertação (Mestrado em antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2024. p. 168.

Tragtenberg, João; Albuquerque, Gabriel; Calegario, Filipe. Gambiarra and techno-vernacular creativity in nime research. In: **NIME 2021**. PubPub, 2021.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:

Steffane Pereira Santos participou de: concepção e desenho da pesquisa; coleta e processamento de dados; análise e interpretação dos dados; redação e revisão da versão final do artigo.

Pedro Augusto Suarez de Menezes participou de: concepção e desenho da pesquisa; coleta e processamento de dados; análise e interpretação dos dados; redação e revisão da versão final do artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: As/os autoras/es declaram que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER

Steffane Pereira Santos - Doutoranda em Antropologia - PPGAN/UFMG. Mestre em Antropologia PPGAN/UFMG (2024). Bacharela em Ciências Sociais pela UFMG.

Pedro Augusto Soares de Menezes - Mestrando PPGAN/UFMG 2024-2026. Pesquisador no Projeto Passados Presentes/UFJF-CNPq, 2022-2024. Bacharel em antropologia com habilitação em arqueologia pela UFMG, na área de arqueologia histórica tendo foco na história e diáspora africana.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.